

Minas Gerais

GRUPO DE MULHERES DA CHAPADA DAS VEREDAS: FORTALECIMENTO, CULTURA E PERTENCIMENTO



Apresentação cultural no VI Jeitim da Roça - Veredinha (MG)

O Grupo de Mulheres da Chapada das Veredas reúne moradoras de 11 comunidades rurais. São elas: Mirante, Ribeirão Veredinha, Ribeirão das Posses, Pindaíba, Boiada I, Boiada II, Gameleira, Monte Alegre, Caquente, Pontezinha e Macaúbas. Todas do município de Veredinha, no Vale do Jequitinhonha (MG).

O coletivo surgiu em novembro de 2023, a partir de uma articulação microrregional de mulheres promovida pelo Centro de Agricultura Alternativa Vicente Nica (CAV), em Turmalina. Inspiradas pela troca de saberes e pelo desejo de conquistar autonomia, algumas representantes de Veredinha passaram a se reunir com o propósito de fortalecer a organização coletiva das mulheres no município.

“Nosso objetivo era justamente unir forças. Começamos ouvindo umas às outras, identificando as principais demandas das comunidades”, relata Júnia, da comunidade Gameleira.

Algumas mulheres já haviam participado anteriormente de ações pontuais de formação, como palestras, cursos e dias de campo, voltadas ao empoderamento feminino, conduzidas pela equipe técnica do CAV. No entanto, durante a pandemia de COVID-19, o isolamento comprometeu diretamente os vínculos sociais e a mobilização comunitária.

“Ficamos afastadas e isso prejudicou nossa articulação. Sentimos urgência em retomar os encontros e saber como estavam as mulheres e a juventude no pós-pandemia”, lembra Neltinha Oliveira, coordenadora da Escola Família Agrícola de Veredinha (EFAV).

A partir desse contexto, a EFAV, com o apoio de sua entidade mantenedora, a Associação Comunitária da Escola Família Agrícola de Veredinha (ACODEFAV), e do CAV, desenvolveu um projeto aprovado pelo edital FUNDO ECOS, do Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPN).

A iniciativa reconheceu mulheres e jovens como públicos prioritários, propondo a criação de grupos para promover ações de formação, valorização da cultura local, acesso à água e promoção de direitos. Com o mapeamento de lideranças locais, foi possível articular o grupo, que desde então se consolidou como um espaço de escuta, partilha e aprendizado.

Nos encontros, são debatidos temas como agroecologia, fortalecimento das feiras locais, direitos das mulheres e realizadas oficinas sobre acesso ao crédito. Ao mesmo tempo, o grupo se dedica ao resgate da ancestralidade e à valorização do território. As atividades despertam memórias, conectam gerações e reforçam identidades por meio de brincadeiras, cantos, folias, rodas de conversa e o uso de plantas medicinais.



Apresentação cultural na 2ª Semana Chapada das Veredas em Campo Buriti - Turmalina (MG)

“A gente vê nossa infância nessas brincadeiras. É bonito demais”, comenta Eva, da comunidade Caquente.

“Quero resgatar a cultura que aprendi com meus pais e avós. Lembro do Giro do Divino, da roda da gamela, dos cantos de caboclo... com o tempo, tudo isso foi se perdendo. Hoje, vejo o quanto era valioso”, compartilha Tereza, da comunidade Monte Alegre.

Apesar dos desafios de conciliar maternidade, trabalho e demais responsabilidades, as mulheres se esforçam para estar presentes nos encontros, que têm se mostrado essenciais em suas vidas. A possibilidade de levar as crianças é uma forma de incentivar e facilitar a participação, fortalecendo ainda mais o vínculo coletivo.

As crianças são incluídas em atividades lúdicas coletivas (roda com outras crianças, desenhos para colorir), tecendo uma rede de afeto e convivência.

As reuniões do grupo acontecem uma vez por mês, sempre comunicadas com antecedência para que todas possam se organizar, e são realizadas no período da tarde, após o término das atividades de trabalho.



Encontros itinerantes

Segundo relatos, em alguns casos os maridos demonstram resistência e chegam a ficar de “cara virada” quando há encontro. Ainda assim, as mulheres persistem e não deixam de participar, pois reconhecem a diferença positiva que esses momentos de convivência trazem para o seu cotidiano.

“É como uma terapia. Lembro da Neltinha dizendo: ‘Deixa as vasilhas pra lá e vem’. Às vezes, é o único momento que temos para nós. Cada mulher carrega suas dores e vivências. Quando nos juntamos e falamos, isso nos cura”, diz Edneia, da comunidade Macaúbas.

Essa “terapia comunitária” tornou-se uma marca do grupo: o acolhimento cura feridas. Temas como saúde mental, autocuidado, enfrentamento ao machismo, saberes tradicionais e direitos das mulheres estão sempre presentes.

“Muitas mulheres não conheciam outras comunidades do próprio município. Esses encontros itinerantes criaram laços e reforçaram o sentimento de pertencimento. Sempre com entusiasmo e trocas ricas”, observa Roberta Alves, educadora social do CAV.

Outro elemento simbólico é a partilha: cada mulher leva um lanche, junto com receitas e lembranças. O grupo é aberto e acolhedor com novas participantes. As mulheres fazem questão de convidar vizinhas e amigas.

“O que mais une a gente é a troca. O individualismo tem que parar. A gente se reencontra, faz amizades, vê gente que não via há tempos. Isso nos fortalece como comunidade”, resume Ednéia.





Além das trocas locais, também são promovidos intercâmbios com outras comunidades, o que inspira novas práticas e amplia horizontes.

“Esse grupo deixa a vida da dona de casa mais leve. A mulher se insere mais na sociedade. Eu fico doida pra chegar o próximo encontro”, compartilha Alaíde, da comunidade Caquente.

Hoje, o grupo reúne aproximadamente 90 mulheres e é coordenado por elas e representantes da equipe técnica do CAV e da EFAV.



“Apaga a luz acende a vela, Roda boa é da Gamela, Apaga a luz acende a vela, Roda boa é da Gamela, Você sobe nessa Gamela, E canta um 'versim' pra mim, e outro pro meu 'benzim’” trecho da música da gamela.

“Meu sonho é que esse grupo continue, que não pare. Ainda tem muita mulher que não sai de casa. Que ele cresça e se expanda cada vez mais”, deseja Vilma, da comunidade Boiada II.

Thamires, da comunidade Mirante, complementa: *“Outras mulheres ainda serão despertadas. Vão ver nossas experiências e se inspirar. Não podemos desanimar. Precisamos seguir em frente.”*

O Grupo de Mulheres da Chapada das Veredas mostra, na prática, que quando mulheres se organizam e são escutadas, têm potência para transformar realidades e construir futuros mais justos e coletivos.